

Evasão de senadores arenistas influi na decisão sucessória

Já se tem a primeira leva dos novos governadores, e agora será a vez dos estados de situação mais complicada, até chegar ao máximo de complicação, que é Minas Gerais. Daqui para diante, o presidente Geisel e o general Figueiredo terão de pesar e contrapesar os fatores que tornam complexa, por exemplo, as situações do Pará e do Maranhão. Esses dois estados têm, como favoritos para a sucessão, dois combativos senadores, Jarbas Passarinho e José Sarney.

Ora, o Senado acaba de perder um outro combativo membro — o senador Eurico Rezende — guindado ao governo do Espírito Santo. A Arena, de repente, fica ameaçada de acefalia na Casa Alta, já que, fatalmente, o senador Rezende a partir de agora irá dividir o seu tempo com a necessidade de montar o seu esquema de sustentação política no Espírito Santo, tanto visando a formação da chapa — escolha do senador "biônico" e do candidato ao Senado pela via direta — como já se preparando para liderar a campanha eleitoral em seu Estado, ao lado do governador Elcio Álvares.

E quem, aqui em Brasília, cuidará em tempo integral, pela Arena, do senador Paulo Brossard? Certamente não será o senador Teotônio Vilela, muito menos o senador Luiz Cavalcante (e o que dizer do senador Daniel Krieger?). Esses são liberais demais e seu pensamento político muitas vezes se confunde com o do próprio Brossard.

Na linha "combatente", aquele que caracteriza o líder ideal, só existem, à mão, os senadores Jarbas Passarinho, José Sarney e Virgílio Távora. Mas o senador cearense será, ao que tudo indica, indicado para governar o Ceará, e sua atuação na liderança sempre se restringiu ao campo econômico, no que, aliás, sempre se saiu bem, com seu preciosismo didático. Restam Passarinho e Sarney, também candidatos ao governo de seus estados. Um dos dois vai ter que sobrar, ou seja, os dois não serão governadores. Um deles vai ter que ficar no Senado como líder do Governo que termina, e, o outro, indicado para governador. O problema está em quem pode assumir melhor um papel e outro, e quem pode ser mais eficiente e prestar um melhor serviço ao Governo em um lugar ou em outro.

Ambos já dirigiram seus estados, e ambos, supostamente, ainda conservam o seu lastro eleitoral. E ambos — frise-se — lutam ardorosamente para voltar aos governos estaduais, preferindo o retorno à Província a ficar em Brasília, em plano federal, numa atuação que lhes daria maior repercussão política do que a ocupação do cargo de Governador do Pará ou do Maranhão. Leve-se em conta, também, que os atuais governadores desses dois estados pouco fizeram para elevar o prestígio paraense e maranhense em plano nacional. Hoje, ao contrário, Pará e Maranhão inexistem em matéria de influência política e econômica no plano federativo.

Portanto, só se compreenderia o retorno de dois nomes tão necessários ao Governo na esfera parlamentar federal a seus estados, como governadores, para recuperar uma imagem política e administrativa que nesses últimos anos perdeu muita substância. O Maranhão é um caso pior, pois nem sequer o presidente Geisel o visitou nesse Governo.

O problema agora é escolher entre Passarinho e Sarney o que ficará em Brasília, como líder, e o que será governador. A escolha para a liderança recairá fatalmente naquele que já tiver maior experiência parlamentar para enfrentar um Paulo Brossard, o que também exige vigilância (característica udenista?), combatividade, bom preparo físico, confiabilidade, capacidade oratória, raciocínio rápido e bom trânsito (também) com o futuro presidente, general Figueiredo. E só comparar entre os dois para ver quem preenche essas condições necessárias para líder.

Outro critério: qual será aquele, entre ambos, que deixando de ser governador para ocupar a liderança poderá ser substituído, na escolha para o governo de seu Estado, por um nome também capaz de promover a sua recuperação político-administrativa?

Leonardo Mota Neto